



A experiência feminista qualifica a economia solidária

O Projeto Economia Solidária e Economia Feminista, desenvolvido pela Guayí em parceria com a Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES/MTE) no âmbito do Brasil Local, realizou uma importante caminhada de mapeamento, diagnóstico, formação e discussão com 300 experiências produtivas de mulheres, em nove estados (RS, PR, SP, RJ, DF, PA, CE, PB, RN) abrangendo as 5 regiões do país, numa mostra significativa da diversidade do trabalho das mulheres na economia solidária, além de parcerias diversas com entidades, instituições públicas, fóruns e movimentos sociais. Realizamos esta caminhada com a ação das Agentes de Desenvolvimento - companheiras vindas da economia solidária e/ou do movimento de mulheres com as quais construímos afinidades importantes para a realização desta missão.

O diferencial de nosso projeto foi o foco na ação das mulheres na economia solidária bem como o debate da economia feminista, a partir da visibilidade do trabalho das mulheres na esfera reprodutiva, no trabalho doméstico e nos cuidados necessários para a preservação da vida, a necessidade de sua valorização social e pública, bem como sua relação com o trabalho produtivo.

Este boletim traz um resumo dos principais pontos levantados nesta caminhada, que foram sistematizados no 3º Seminário Nacional do Projeto, realizado em julho

deste ano, na Feira de Economia Solidária do Mercosul em Santa Maria, com o objetivo de fomentar a continuidade desta discussão, subsidiando o desenvolvimento de ações, de acordo com a realidade de cada estado e de cada segmento produtivo, em cada empreendimento e nos Encontros Estaduais que, de setembro a novembro deste ano, finalizam a trajetória do Brasil Local Economia Solidária e Economia Feminista.

O resultado do Projeto aponta para a necessidade de avançarmos na articulação de possibilidades concretas para garantir a continuidade, a qualificação e a viabilidade econômica das iniciativas produtivas das mulheres. A economia solidária tem crescido como alternativa econômica, como movimento social e como política pública, mas ainda temos muito o que andar.

As mulheres são uma base importante da economia solidária, mas economicamente ainda continuam sendo os segmentos mais vulneráveis. Precisamos avançar em nossas práticas organizativas e autogestionárias, tanto na produção quanto na participação nos espaços de discussão política, nas decisões sobre as políticas públicas, nos fóruns de economia solidária e instâncias dos diversos movimentos sociais. É necessário o fortalecimento de nossos empreendimentos para o empoderamento e a conquista da autonomia econômica das mulheres.

Com este objetivo, o Projeto Economia Solidária e Economia Feminista segue em frente, com a proposta da **REDE DE ECONOMIA SOLIDÁRIA E FEMINISTA**, uma rede nacional articulada em núcleos estaduais, integrando os empreendimentos participantes do projeto em cada estado, para avançar em estratégias e ações para sua sustentabilidade.





Por uma VIDA MELHOR



No sistema capitalista em que vivemos o que vigora é a busca do lucro acima de qualquer coisa, a competitividade, a concentração da renda e da riqueza, a lei do mais forte, o consumismo - e o mercado capitalista é o lugar privilegiado destas relações. Não é o lugar das trocas necessárias para a garantia da vida e do bem viver das pessoas. Ao contrário, acontece em prejuízo da inclusão de *tod@s*, da garantia de direitos básicos e de igualdade, do respeito à natureza, do bem estar humano, da justiça e da democracia na vida em sociedade.

O capitalismo também radicalizou a divisão sexual do trabalho: as mulheres no espaço do lar, a responsabilidade maior com a reprodução, com o trabalho doméstico e os cuidados com os filhos e com a vida da família; os homens como principais responsáveis pelo trabalho fora, pela produção, pela esfera pública e pela política. Esta divisão tem consequências: todo o trabalho necessário para a reprodução da vida, a carga das mulheres, não aparece como trabalho, é invisível. É um trabalho socialmente necessário, mas, como não gera valor para o mercado, não é reconhecido e nem valorizado. É como se fosse apenas um problema privado de cada família e, dentro da família, uma responsabilidade das mulheres. Mas exige tempo, energia, e é feito todos os dias pela vida a fora, na sustentação da vida.

Além disso, quando também trabalham fora, as mulheres acabam acumulando uma dupla jornada de trabalho como se fosse "natural". Mas o trabalho das mulheres na produção e na esfera pública é considerado de segunda categoria sendo menos valorizado, como se fosse simplesmente um complemento do trabalho dos homens. Então, perdemos pelos dois lados: temos em média uma jornada maior e nosso trabalho é menos valorizado!

Na economia solidária, temos a vantagem da solidariedade entre as mulheres e conseguimos, com

a autogestão do dia-a-dia, dividir o nosso tempo para podermos "cuidar" e também produzir. Mas a responsabilidade com o trabalho doméstico e com os cuidados faz com que muitos grupos de mulheres tenham menos condições de produção em seus empreendimentos. Se comparada aos empreendimentos de homens. Nossa produção é mais reduzida e menos valorizada. Como mulheres somos fortes, mas somos os segmentos mais vulneráveis na economia solidária. Portanto, nossa vida não mudou muito, principalmente se pensarmos que o que buscamos é a nossa autonomia econômica e o Bem Viver. Nosso, de nossa família e de nossa comunidade.

Por tudo isto, o capitalismo é um sistema não nos serve: produz pobreza e desigualdade de todo o tipo, discriminação das mulheres, racismo, violência e insegurança para grande parte da população. E não traz perspectiva de um futuro melhor.

Assim, com a energia e o conhecimento que temos, com os meios que dispomos, com a força e a solidariedade que resulta da nossa união e das nossas parcerias, construímos alternativas de trabalho e renda: a economia solidária como a melhoria da nossa situação concreta hoje. Construímos nossos empreendimentos e temos clareza de que muita coisa ainda tem que melhorar. Por isso, nos organizamos e vamos à luta.

Queremos fortalecer nossos empreendimentos, garantindo sua sustentabilidade.

Queremos investimentos e políticas públicas que atendam nossas necessidades.

Queremos a economia solidária como um outro tipo de desenvolvimento para o Brasil e o mundo e como um modo de vida, numa alternativa para o futuro que supere o capitalismo e suas mazelas, que garanta o bem viver de *tod@s*, garantindo os nossos direitos, preservando o meio ambiente e o planeta.

SUSTENTABILIDADE: o que é isto?



São as condições necessárias para o desenvolvimento dos empreendimentos e realização de suas potencialidades. Construir estas condições de sustentabilidade é um processo que tem várias dimensões:

1. A construção de condições e relações favoráveis dentro do empreendimento: elaboração de um plano de viabilidade econômica a partir de uma análise das condições que se tem, a organização interna para avançar na autogestão, a qualificação do trabalho e dos instrumentos de gestão, a comunicação interna, etc.
2. Articulações locais (território/região) onde o empreendimento desenvolve suas atividades, se inserindo em arranjos produtivos locais e participando da construção de alternativas de desenvolvimento local, valorizando a experiência que temos como mulheres, a cultura local, as relações e os saberes da comunidade, articulação com as políticas públicas e parcerias que potencializem o empreendimento; buscar formas alternativas de comercialização integrando-se com os consumidores para um comércio justo e um consumo consciente; articulação por segmento produtivo para troca de experiência e fortalecimento de cadeias produtivas; organização em REDE para somar forças para o avanço das estratégias de sustentabilidade.
3. Para isto, precisamos de assessoria e de qualificação técnica, precisamos de finanças solidárias e de acesso à crédito de acordo com nossa realidade; de mercado público socialmente orientado - ou seja, participação nas compras públicas - e espaços permanentes de comercialização (pontos fixos), além da articulação com as diversas políticas sociais como inclusão produtiva, agricultura familiar e reforma agrária, habitação social e reforma urbana, etc.

4. Também é fundamental inserir o empreendimento em estratégias coletivas de políticas e ações, públicas e comunitárias, para avançar com a responsabilidade social e pública no cuidado com as pessoas e com a vida em suas diversas dimensões, puxando a discussão do trabalho doméstico e dos cuidados com as famílias e crianças, e lhe dando visibilidade e peso social, bem como articulando com as políticas na área da saúde, educação, prevenção à violência, cultura, segurança alimentar e nutricional, previdência e desenvolvimento social.
5. Por fim, a economia solidária propõe uma economia a serviço da vida, por isso a ideia de construir sustentabilidade para os empreendimentos precisa de propostas e práticas que afirmem os valores alternativos que reivindicamos: a autogestão, a cooperação, a igualdade das mulheres, o respeito aos direitos humanos e a prevenção à violência, o respeito ao meio ambiente, a inclusão social, a democracia real e a solidariedade.

Como construir sustentabilidade para nossos empreendimentos?

Tem que ser um processo permanente e acumulativo, por isso a articulação numa REDE NACIONAL DE ECONOMIA SOLIDÁRIA E FEMINISTA. Partindo do local onde estamos enraizadas, onde vivemos e produzimos (e preocupadas com a melhor utilização de recursos locais, formação de pequenas redes e cadeias produtivas), queremos dar um salto para uma articulação nacional dos nossos empreendimentos, somando forças, possibilitando a formação de redes e cadeias maiores numa estratégia de fortalecimento produtivo dos nossos empreendimentos e da economia solidária e feminista.

Como mulheres, temos muito à contribuir: com a experiência de quem cuida da vida e com nosso trabalho associado e solidário, já estamos ajudando a traçar um outro mundo possível e colocando os alicerces para sua construção.



Rede de Economia Solidária e Feminista



Assim como as pescadoras e os pescadores tecem sua rede, as aranhas formam teias, tecendo muito mais do que sua sobrevivência. Nos dois casos, além de "capturar a presa" - motivo inicial de sua construção - nosso olhar cuidadoso pode nos levar a observar, tanto em redes quanto em teias, outros resultados, sempre nos fazendo pensar sobre sua/nossa construção. Por trás de uma aparência frágil, por vezes, como a teia, uma grande fortaleza. Na rede, amarrações que nos inspiram a seguir em nossa própria trajetória de construção, rumo à nossa articulação, fortalecendo cada vez mais nossos laços e dando visibilidade às nossas ações.

Como a Teia, que não possui elos uniformes, somos nós, 300 empreendimentos de mulheres distintos, em nove estados diferentes, com experiências, práticas e produções diversas. Também somos como a rede que, com nós bem apertados, podemos enfrentar mesmo a força das marés. E, caso alguma fragilidade ocorra e algum elo se rompa, sempre haverá o coletivo para sustentar e auxiliar em sua restauração.

A rede que queremos construir é tecida diariamente e não existe um modelo padrão ou previsão de término para sua conclusão. São laços de convergências, com respeito à nossa diversidade, nos articulando, nos fortalecendo, e criando novos significados para nossas ações. Assim, não somos mais apenas empreendimentos isolados, nossa identidade de mulheres da economia solidária nos une para transformarmos nossa realidade. Isso tudo baseado não apenas em teorias, mas na profunda reflexão sobre nossa experiência e na prática cotidiana que realizamos para cuidar e produzir.

Num movimento que vai do trabalho em grupo, e mesmo da ação individual (sem nunca perder o coletivo de vista), partimos para uma construção maior que demonstra nosso amadurecimento e nossa capacidade coletiva de

lutarmos por melhores condições para os nossos empreendimentos, fortalecendo nossa organização produtiva e reforçando os nossos "nós".

É importante, no entanto, reafirmarmos desde já que nossa Rede não se contrapõe as já existentes. Ao contrário: vem para SOMAR, articulando as ações feministas com a economia solidária para o empoderamento e o fortalecimento da autonomia econômica das mulheres.

No caminho da construção de nossa sustentabilidade, e ainda que de maneira inicial, acreditamos que este momento pode significar o começo de uma nova etapa para os grupos autogestionários de mulheres. Assim, confiando no nosso potencial de tecelãs das redes e teias de nossas vidas, seguimos mais decididas rumo ao Bem Viver.

CONTATOS:

feminista@guayi.org.br

www.guayi.org.br

(51) 3212.7178



Ministério do
Trabalho e Emprego

Secretaria Nacional de
Economia Solidária

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO E PAÍS SEM POBREZA

